

## Relatório de Gestão – Fev/20

### Rio Ações FIA

Ações				
FUNDO	% FEV/20	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
RIO AÇÕES FIA	-7,66	-7,34	31,31	680,65
IBOVESPA	-8,43	-9,92	8,98	134,20

  

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE	% FEV/20	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	0,03	0,07	0,35	40,01
Large Caps	-2,64	-5,70	-6,25	141,27
Mid Caps	-5,15	-1,34	39,77	584,54
Small Caps	0,00	0,05	4,24	78,10
Custos	0,09	-0,43	-6,80	-163,27
<b>Total</b>	<b>-7,66</b>	<b>-7,34</b>	<b>31,31</b>	<b>680,65</b>

início: 26/10/2010 (fundo) 31/12/2006 (clube)

O Rio Ações FIA apresentou desvalorização de **-7,66%** durante o mês de fevereiro/20, em comparação a uma queda de **-8,43%** do Ibovespa. Na janela móvel dos últimos 12 meses, o fundo obteve ganhos de **+31,31%** contra uma rentabilidade de **+8,98%** de seu benchmark. Em 24 meses, o mesmo rendeu **+58,71%** contra **+22,05%** do Ibovespa.

O mês foi marcado pela piora acentuada no desempenho dos ativos de risco ao redor do planeta. O Ibovespa acompanhou o movimento negativo e apresentou a perda acima citada. Quedas significativas também ocorreram nas bolsas americanas e principalmente nos mercados europeus, função da disseminação no período do número de casos de coronavírus em território italiano. O dólar seguiu valorizando-se em relação ao real, apresentando alta de 4,4%.

Os possíveis impactos do coronavírus sobre o crescimento da economia mundial foram sendo catalisados ao longo do mês de fevereiro, especialmente durante a última semana, onde o surto começou a se espalhar para fora do continente asiático. Ao atingir a Itália, o risco de pandemia passou a ganhar escala, gerando correções de magnitudes bastante relevantes nos ativos de risco globais.

Conforme descrito em nossa última carta de gestão, já tínhamos adotado uma postura mais defensiva no portfólio do fundo desde o final de janeiro, não apenas por conta dos efeitos que poderiam ser gerados mundialmente pela propagação do novo vírus, mas também devido às incertezas advindas da eleição americana. Além disso, passamos a enxergar um maior risco na política econômica do Brasil, função do forte aumento de tensão entre os poderes executivo e legislativo ao longo de fevereiro. O auge do conflito ocorreu após o apoio do Presidente da República às manifestações marcadas para meados do

mês de março, ameaçando assim o andamento do cronograma de reformas no Congresso em um ambiente de crise mundial.

Desta forma, durante a última semana de fevereiro, após o feriado de carnaval no Brasil, passamos a adotar uma postura ainda mais defensiva em nosso portfólio. Deste ponto em diante, com a escalada da doença para outros continentes, gerando riscos concretos de uma pandemia, trouxemos a exposição comprada do fundo para algo próximo de 80% ante 88% no final do mês anterior.

Além disso, fizemos uma grande rotação setorial, reduzindo ainda mais o peso alocado em companhias dos setores de consumo/varejo e construção, que possuem menor liquidez e apresentavam excepcionais valorizações durante os últimos seis meses. Realocamos assim parte da carteira de ações para setores mais líquidos, privilegiando os bancos de 1ª linha, as companhias de transmissão de energia e as empresas prestadoras de serviços de telefonia fixa, móvel e banda larga. Vale lembrar que empresas de energia e de telefonia são bem mais inelásticas do ponto de vista econômico, ou seja, apresentam menor variação de receitas em períodos de redução de demanda.

A necessidade do achatamento da curva exponencial de crescimento de casos de indivíduos infectados em cada sociedade, com o objetivo de preservar seus sistemas de saúde, vem obrigando os governos de cada país a adotarem medidas de controle no fluxo de pessoas por um período de tempo indeterminado, levando a uma piora generalizada nas economias mundiais.

Não pretendemos ser *experts* em epidemias, mas na posição de gestores era necessário proteger o patrimônio dos cotistas em períodos de maior incerteza. O que realmente importa para a gestão de fundos de investimento é até que ponto a queda no mercado se justifica pelo fundamento. Do ponto de vista econômico, entendíamos que o impacto poderia ser mais forte do que o precipitado pelo mercado, o que justificou a adoção de um portfólio mais “conservador” naquele momento.

Sendo assim, permanecemos no início de março com um portfólio bem defensivo até que se tenham menos incertezas com relação aos mercados globais e interno. Caso os riscos de curto prazo citados anteriormente venham a ser reduzidos ao longo das próximas semanas ou quinzenas, poderemos novamente adotar uma postura menos conservadora. De qualquer forma, para que ocorram aumentos de posição em setores mais correlacionados com os ciclos econômicos, serão necessários que seus *valuations* apresentem uma melhor relação retorno x risco do que a que conseguimos enxergar atualmente.

Nossas cartas anteriores estão disponíveis no site: [www.riogestao.com.br](http://www.riogestao.com.br).

**Atenciosamente,**

**Equipe Rio Gestão de Recursos.**